

**“EU’ COM LETRA MINÚSCULA”: MATERNAGEM, CRISTANDADE
E PATRIOTISMO COMO DISPOSITIVOS DISCIPLINARES NOS
PRIMÓRDIOS DA ENFERMAGEM BRASILEIRA**

***“ME’ WITH LOWER CASE: MOTHERING, CHRISTIANITY AND
PATRIOTISM AS DISCIPLINARY DEVICES IN THE BEGINNINGS THE
NURSING PROFESSION IN BRAZIL***

Felipe Akira Miasato¹
Edinilsa Ramos de Souza²
Liane Maria Braga da Silveira³

RESUMO

Este artigo apresenta os resultados de uma etnografia documental cujo objeto de pesquisa foi a profissionalização da enfermagem no Brasil, entre os anos de 1928 e 1931. Com o objetivo de compreender as formas pelas quais os discursos acerca da nova profissão e da nova profissional foram construídos no bojo de sua estruturação no país, o campo etnográfico desta pesquisa desvelou suas raízes profundamente articuladas aos discursos do mito do amor materno, da cristandade e do patriotismo. Considera-se que esses discursos são construções que serviram como dispositivos disciplinares implicados naquela profissionalização, com fortes relações de gênero, classe e raça, que contribuíam para o apagamento das novas profissionais. Em articulação, construiu-se a imagem socialmente aceita e idealizada de uma enfermeira padrão, cujos valores norteavam o serviço a Deus, à pátria e à família.

Palavras-chaves: história da enfermagem; gênero; interseccionalidade.

ABSTRACT

This article presents the results of an ethnography research based on documents analysis whose object was the professionalization of nursing in Brazil between 1928 and 1931. To understand how the discourses about the new profession and the new professional were constructed amid its structuring in the country, the ethnographic field of this research revealed its roots deeply articulated to the discourses of the myth of maternal love, Christianity, and patriotism. It is considered that these discourses are constructions that served as disciplinary devices involved in that professionalization, with strong gender, class, and race relations, which contributed to

¹ Doutorando em Saúde Coletiva pelo IMS/UERJ. Mestre em Saúde Pública pela ENSP/Fiocruz. e-mail: felipemiasato@gmail.com

² Doutora e Mestre em Saúde Pública pela Fundação Oswaldo Cruz. Atualmente é pesquisadora em Saúde Pública, Classe U, nível III da Fundação Oswaldo Cruz; Bolsista de Produtividade em Pesquisa, do CNPq, nível 1C. e-mail: edinilsaramos@gmail.com

³ Doutora em Antropologia - PPGAS- Museu Nacional/UFRJ. Mestre em Ciências da Saúde pela Fundação Oswaldo Cruz e em Antropologia Social - PPGAS-Museu Nacional/UFRJ. e-mail: lianemariasilveira@gmail.com

the fading of the new professionals. In articulation, the socially accepted and idealized image of a standard nurse was built, whose values guided the service to God, the country, and the family.

Keywords: *nursing history; gender; intersectionality.*

INTRODUÇÃO

A estruturação da enfermagem enquanto profissão no Brasil iniciou-se no bojo da reforma sanitária, como uma estratégia de organização e desenvolvimento da saúde pública no país, ao associar educação e saúde. A parceria entre o Estado brasileiro e o norte-americano, através do Departamento Nacional de Saúde Pública (DNSP) e da Fundação Rockefeller, respectivamente, deu início à Missão de Cooperação Técnica para o Desenvolvimento da Enfermagem no Brasil, conhecida como Missão Parsons (1921-1931). Esta foi caracterizada pela vinda ao Brasil de enfermeiras norte-americanas, cujos objetivos eram: o treinamento das chamadas “visitadoras de enfermagem” que encontraram no Brasil, a criação de emblemas e sinais distintivos da profissão, e a instituição de uma escola própria para a formação oficializada de novas profissionais (MOREIRA, 1999). A Fundação Rockefeller atuou no Brasil de 1915 até o início da década de 1920, adaptando-se às particularidades do contexto brasileiro, em parceria com a elite médica e sanitária, assim como em sintonia com o governo federal e estadual (FARIA, 1995).

No ano seguinte à criação do Serviço de Enfermeiras do DNSP, seria fundada a Escola de Enfermeiras do DNSP, autorizada pelo Decreto 15.799/22, sendo nomeada posteriormente Escola de Enfermagem D. Anna Nery (EEAN), através do Decreto 17.268/26. As condições e regras impostas por aquele modelo reforçavam os papéis sociais da mulher na esfera pública e privada, suas representações de feminilidade, a hierarquização e a divisão do trabalho intelectual e manual do trabalho em enfermagem (MATOS; PIRES, 2006).

Uma vez diplomadas, as alunas brasileiras eram selecionadas e enviadas para os Estados Unidos da América (EUA) para se especializarem. Ao retornarem para o Brasil, eram nomeadas para os cargos das enfermeiras americanas, em um processo constante de

substituição. Essa formação proposta no Brasil baseou-se no mesmo modelo de controle e treinamento dispensado às enfermeiras norte-americanas. Na perspectiva de alguns autores, iniciava-se a oportunidade de uma carreira, com ingresso através de seleção, onde as mulheres poderiam colocar em prática atitudes que sempre lhes foram ensinadas: servilismo, bondade, paciência, dedicação e carinho (LOPES, 1988).

O presente artigo apresenta um recorte⁴ dos resultados de uma etnografia documental que tomou a profissionalização da enfermagem no Brasil como objeto de pesquisa, com perspectivas comprometidas com o pensamento decolonial e que acionou, principalmente, os conceitos analíticos de gênero, poder disciplinar e interseccionalidade. Ao retornar aos arquivos e ao encará-lo como campo etnográfico, o interesse da pesquisa foi dirigido aos modos de produção documental, seus interlocutores e suas relações de poder, que desvelaram as formas como a profissionalização da enfermagem no Brasil tomou os discursos de maternagem, cristandade e patriotismo para a produção de uma enfermeira padronizada e socialmente aceita. Esses discursos, atravessados por interesses políticos, sociais e culturais, contextualizavam-se ao cenário brasileiro do período pesquisado: os anos de 1928 a 1931.

Dessa forma, este artigo apresenta os seguintes percursos: os esforços da escola em construir uma imagem publicamente respeitável da nova profissão, com o inicial apoio da mídia e sua posterior crítica àquele modelo de ensino, cuja mudança de postura aparece como uma forma de resistência das alunas às condições impostas pelo regime de internato daquela formação; em seguida, são apontados eventos cotidianos capazes de desvelar técnicas disciplinares, arraigadas pelo discurso cristão, que promoviam o apagamento das futuras profissionais; posteriormente, são discutidos os valores e moralidades que sustentavam a criação da “enfermeira padrão”, cuja sexualidade era negada; a discussão seguinte é posta a partir da incorporação do discurso do amor materno à profissionalização da enfermagem, associado ao discurso cristão e patriota, cuja articulação deu origem à figura mítica de Ana Néri, para, por fim, discutir as nuances que revestiam o processo admissional daquela escola,

⁴ A pesquisa cujo recorte foi adaptado para fins deste artigo é intitulada “Por Deus, pela pátria e pela família: violências interseccionais na profissionalização da enfermagem brasileira”, e foi defendida em formato de dissertação no Programa de Pós-Graduação em Saúde Pública da Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca da Fundação Oswaldo Cruz, no ano de 2021.

que buscava, incessantemente, candidatas “do tipo ideal” que servissem à Deus, à pátria e à família.

1. PERCURSOS METODOLÓGICOS

Trata-se de uma etnografia documental realizada através de arquivos datados entre os anos de 1928 e 1931, de domínio público, nas línguas inglesa e portuguesa, conservados no Centro de Documentação da Escola de Enfermagem Anna Nery da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Os arquivos, compreendidos pela perspectiva foucaultiana, são hegemônicos, caracterizantes de modos de pensar, de modos de colonização e de controle social. Nos rastros do pensamento da antropóloga Annelise Riles (2006), trata-se, ainda, de artefatos do saber moderno e constituem-se como objetos etnográficos especiais. Privilegiou-se a perspectiva antropológica, que concebe o arquivo como campo etnográfico, onde buscou-se, metaforicamente, mais ouvi-lo do que fazê-lo falar, ao tratar tanto o documento quanto seus autores e autoras como interlocutores, a fim de compreender as maneiras como eles constituem, hierarquizam, separam e relacionam pessoas (DES CHENES, 1997; CUNHA, 2004; FERREIRA; LOWENKRON, 2020).

Atravessada pela pandemia de COVID-19, a entrada em campo deu-se de forma adaptada, com todas as medidas de proteção e distanciamento social preconizadas daquele momento. Os documentos foram fotografados com uma câmera analógica e analisados posteriormente. Foram excluídos documentos qualitativamente insuficientes aos objetivos da pesquisa, quais sejam: os documentos puramente numéricos em que não foi possível a contextualização; os repetidos; os incompletos, e os rasurados a ponto de impossibilitar a compreensão do corpo textual. Assim, foram incluídos nesta pesquisa: 23 registros institucionais escritos, 91 documentos pessoais e 87 documentos de comunicação em massa. De forma detalhada, foram incluídos: 91 correspondências, 23 discursos proferidos publicamente, 15 relatórios institucionais, 2 atas de reunião, 63 anúncios públicos (da própria escola e de jornais), 1 revista, 1 foto e 5 trabalhos escritos das alunas da escola.

Trabalhou-se na perspectiva de leitura dos arquivos ao longo da corrente (*along the grain*) e contracorrente (*against the grain*). Estas são posturas epistemológicas adotadas diante dos documentos, que, conjuntamente, possibilitaram o desenvolvimento de abordagens críticas e imaginativas de fontes tradicionais, ampliando as possibilidades analíticas de “documentos vivos” (FERREIRA; LOWENKRON, 2020). A leitura ao longo da corrente procurou conhecer como os arquivos foram criados, sem a suposição de que já conhecíamos o que seria encontrado. Por outro lado, a leitura contracorrente permitiu-nos recuperar histórias mais profundas, subvertendo os modos de entendimento imaginados e pretendidos pelas racionalidades administrativas que produzem e mantêm tais acervos documentais (ZEITLYN, 2012; FERREIRA; LOWENKRON, 2020).

A combinação dessas estratégias permite o tráfego dos pesquisadores pelos desenvolvimentos de ideias e processos através de recortes temporais. De acordo com Zeitlyn (2012), a leitura contracorrente objetiva subverter a lógica desses arquivos, possibilitando a escavação de vozes (e por vezes, até nomes) de pessoas oprimidas, silenciadas e subalternizadas nos arquivos. Para além das modalidades de leitura, atenção especial é necessária quanto ao porte, manuseio e transação dos documentos, observando os efeitos que provocam e como organizam o espaço em torno de si, a fim de apreender de que forma eles constituem, hierarquizam, separam e relacionam pessoas.

2. PROPAGANDAS SOB MIL PROMESSAS: IMAGEM PÚBLICA, PROTESTOS E RESISTÊNCIAS

Fundada em 1922, a Escola de Enfermeiras Anna Nery foi destinada a criar a enfermagem moderna, necessidade esta que há muito se fazia sentir, para não dizer que se impunha quasi. Para formar-se a ‘Enfermeira Moderna’, creada a Escola nos moldes das escolas modelos, certos requisitos eram indispensáveis para se conseguir o sucesso; e como padrão de tudo o que é bom, o primeiro requisito foi a disciplina. É esta indispensável alma de todo o progresso (MARANHÃO, 1930, s. p.).⁵

⁵ Todas as citações retiradas dos arquivos analisados estão redigidas da mesma forma que se encontram nos documentos originais.

Procuramos, primeiramente, lançar luz sobre a construção do corpo discente da EEAN, no sentido de iluminar as estratégias de atrair alunas “do tipo certo” para a escola, assim como os mecanismos de produção e de exclusão operantes nesses processos, imbricados por aspectos de gênero, raça e classe. O principal interesse envolvido na formação das alunas brasileiras naquela missão, sob o ponto de vista das enfermeiras norte-americanas, era a criação de uma imagem padronizada e socialmente aceita de uma mulher que representasse a nova profissão. Assim, desde seus primórdios, houve grande investimento em publicações jornalísticas, que buscavam “elevar o nível profissional da enfermeira, até então relegadas para um plano inferior” (DIÁRIO DA NOITE, 1930, p. 3). Em discursos que pactuavam com a imagem pretendida, jornalistas afirmavam que “as enfermeiras deixavam de ser apenas ignorantes curiosas que mal podiam auxiliar os médicos na sua tarefa, para serem auxiliares efficientes, esclarecidas, com uma noção segura dos seus deveres” (Ibidem).

Para difundir o serviço de enfermagem em nosso país, foram contratadas nos Estados Unidos varias enfermeiras, que vieram leccionar na Escola D. Anna Nery. Feita a propaganda do curso sob mil promessas, as nossas patrícias accorreram à escola para aprenderem a nobre profissão (A SITUAÇÃO..., 1930, s. p.).

Na escola supracitada, semestralmente abriam-se vagas para novas candidatas à profissão de enfermeira: período considerado o mais crucial do ano, pelas responsáveis de tal escola. É importante voltar a atenção, naqueles momentos iniciais da profissão, para a mídia jornalística e radialista que passaram a fazer constante presença no cenário do desenvolvimento da profissão. Nos arquivos analisados, foram encontrados diversos recortes de jornais e textos narrativos para programas de rádios que conferiram atenção nacional ao desenvolvimento da enfermagem. Por vezes, a mídia contribuiu para a divulgação positiva da nova escola direcionada a algumas mulheres brasileiras. Isto posto, convergente à necessidade da aceitação pública da imagem dessa nova profissional no Brasil, que retirasse a impressão popular daquelas mulheres que anteriormente prestavam os cuidados, a mídia era essencial para que tal imagem fosse devidamente divulgada. Parcialmente, essa divulgação contribuiu para representar imagens favoráveis, desde aquele ponto de vista, às futuras enfermeiras e à

profissão. Mas, ao longo dos anos, o poder conferido à mídia para a construção dessa imagem ideal se converteu em formas de denúncias e ataques ao modelo de formação imposto às alunas brasileiras, assim como fortes críticas às enfermeiras norte-americanas.

Inicialmente, dois elementos mostraram-se constantemente presentes e centrais na publicação de chamadas para novas candidatas ao longo dos semestres: o novo edifício de residência, localizado no antigo hotel Sete de Setembro, cedido pelo governo à escola, e a remuneração de 160 milréis, após o quarto mês de formação, para as “pequenas despesas” das alunas. Atraía-se, assim, candidatas para uma formação sem despesas financeiras, com moradia gratuita e de alto conforto e modernidade – como era orgulhosamente descrita – e a possibilidade de uma nova carreira profissional destinada às mulheres. Mesmo com amplo apoio de divulgação da mídia impressa, sobravam vagas e houve uma contínua dificuldade no recrutamento de novas alunas – ou, como colocado anteriormente: dificuldade no recrutamento de “candidatas do tipo certo”. Posteriormente, será discutido o que isso significava.

O Offício de V. Ex. de 12 do corrente [1930], capeando um recorte de propaganda no Estado de S. Paulo, veio provar-nos ainda mais uma vez, o apoio certo com que pode contar a Escola de Enfermeiras D. Anna Nery junto ao Serviço Sanitario do Estado de S. Paulo.

Os resultados da propaganda já se fazem sentir e grande é o numero de moças de todo o Estado de S. Paulo, bem como dos outros Estados, que nos têm enviado pedidos de informações. Lastimamos somente que as moças de educação secundaria e normal não se sintam interessadas pela nossa chamada, pois o seu contingente nos seria de grande valia (PULLEN, 1930a, s. p.).

Apesar das propagandas realizadas à base de “mil promessas”, como afirmado por um jornal da época, diversas alunas não permaneciam na profissão após sua diplomação e outras sequer chegavam a finalizar a formação. Nos arquivos analisados, a trajetória de algumas alunas fora interrompida por motivos diversos. A família, centrada principalmente na figura paterna de algumas alunas, não concordava com a exposição constante de suas filhas às doenças contagiosas nos ambientes hospitalares. A tia de uma aluna chegou a dirigir-se à escola, questionando a possibilidade de sua sobrinha ser poupada do trabalho prático no

Hospital São Sebastião – estabelecimento que sofria grandes críticas da mídia, e concentrava um pavilhão para o tratamento de pessoas com tuberculose. Em outros casos de interrupção do curso, alunas tiveram dificuldades em atingir o nível de exigência demandado pela escola, não sendo possível continuar naquele espaço, seja por reprovação em atitudes comportamentais ou por reprovação em disciplinas curriculares. É interessante notar, porém, que a reprovação em disciplinas, muitas vezes, poderia ser submetida à segunda chance. Não é possível afirmar se as faltas comportamentais teriam a mesma compreensão. As autoras Gastaldo e Meyer já em 1989 apontavam para essa histórica formação das enfermeiras que supervalorizava suas condutas morais em detrimento do próprio conhecimento teórico-prático.

Considerando o contexto de evasão das enfermeiras diplomadas nos seus campos de atuação, o discurso proferido pelo médico José Paranhos Fontenelle, em dezembro de 1929, enquanto paraninfo da turma de 28 alunas que se diplomava naquele ano, permite um breve deslumbre sobre esta realidade. Além disso, permite perceber a atenção em que a nova profissão era alvo da mídia jornalística. Fontenelle discorre sobre a necessidade da contínua formação de novas enfermeiras e que todos os sacrifícios deveriam ser feitos para atrair novas alunas à escola; ao fornecer uma retrospectiva do contingente de alunas diplomadas naquela escola desde o final do ano de 1925, aponta que, naquele momento, em 1929, 50% das alunas diplomadas não estavam mais na profissão (FONTENELLE, 1929). Esse discurso obteve repercussão pública.

O médico Clementino Fraga, então diretor do DNSP, objetou tal discurso referente ao contingente de enfermeiras brasileiras não mais atuantes na saúde pública brasileira, afirmando que apenas oito alunas não permaneceram na profissão. Dias depois, tornou-se matéria de investigação jornalística que buscou desmentir Clementino Fraga e discorrer sobre as condições que forçavam as mulheres a abandonar essa carreira. Naquele momento, a imagem idealizada da profissão pela mídia já não condizia com os desejos iniciais das enfermeiras americanas, que se tornaram, elas mesmas, alvos de duras críticas.

Sobre esse assumpto fizemos documentada reportagem, mostrando à nossa população os motivos por que as moças brasileiras têm sido forçadas a

abandonar a nobre missão a que se dedicaram, motivos que podem ser reduzidos a dois pontos essenciais: a falta de patriotismo e de boa compreensão dos seus deveres por parte do Sr. Clementino Fraga, que se deixa manobrar pelas enfermeiras americanas, e o deshumano rigor e autoritarismo dessas senhoras, que não puderam ainda, em cinco annos de vida no Brasil, comprehender a índole da nossa gente, que tudo faz pelo carinho e bondade, revoltando-se, porém, contra a grosseria e prepotência (A NOITE, 1929a, s. p.).

O trecho da reportagem acima permite perceber que as relações inicialmente aliadas foram, aos poucos, se deteriorando. Naquela altura, caracterizava-se já como “desumano” as rígidas disciplinas impostas pela escola, que, de acordo com a reportagem, se apresentavam especialmente nos campos práticos de atuação – referenciados como “matadouros” – em que alunas eram submetidas a jornadas extenuantes de trabalho, onde muitas adoeciam; e quando isso acontecia, eram as próprias alunas as culpadas e punidas por sua falha e “descuido técnico” que as fizeram adoecer.

O poder conferido à mídia como potencializadora para a divulgação da nova profissão e das novas profissionais subverte-se em críticas que buscaram, de certa forma, “defender” as alunas matriculadas naquela escola. Essa mudança de postura dos jornais, que passou a afirmar a “franca decadência” da profissão não surgiu de forma espontânea.

Movimentos que podem ser considerados de resistência contra as atitudes tomadas pela escola chegaram até os jornais, ecoando, pela primeira vez, a voz das alunas. Foucault (1987, p. 91) afirma: “onde há poder, há resistência”. O autor defende pontos múltiplos de resistências, no plural, que formam uma rede com pontos de resistência na própria rede do poder. As resistências são o outro termo nas relações de poder. É interessante notar que, nos arquivos analisados, raramente é possível encontrar escritos construídos pelas próprias alunas. Suas histórias são narradas a partir do olhar colonizador que, constantemente, as colocam no lugar de “outra”, a serem moldadas conforme um espelho ideal.

Conhecendo o poder conferido aos jornais da época, algumas alunas da escola procuraram dois diferentes jornais para denunciar o que consideraram ser uma injustiça da escola: o jornal “Globo” e o jornal “A Esquerda”. A seguir, segue um trecho publicado no jornal “Globo”, intitulado: “Por que na Escola de Enfermeiras D. Anna Nery não foi adoptado

o critério da promoção por médias?”, seguido pelo subtítulo: “Uma carta de protesto de alumnas daquelle estabelecimento de ensino”.

Nós, alumnas da Escola de Enfermeiras D. Anna Nery, pedimos ao vosso conceituado jornal que se torne eco de uma grande injustiça que a directora, Miss Pullen, acaba de fazer connosco.

Em todos os estabelecimentos de ensino, quer federaes, quer municipaes, foi permitido aos alumnos passarem de anno, por média ou frequencia nas respectivas matérias; no entanto, a nós, que durante o período revolucionário ficamos com o horário de serviço dobrado, isto é, com horário de guerra, pois trabalhávamos de 7 horas ás 19, ou vice-versa, que tivemos o serviço augmentado com os doentes do vapor ‘Baden’, que faltámos a muitas aulas porque não era possível o nosso carro atravessar as ruas, agitadas, que mal tínhamos tempo para dormir, a nós, é imposto fazer exames!

Como vedes, é uma formidável injustiça de Miss Pullen querendo fazer excepção com a nossa escola [...]. Nós também somos brasileiras, também tivemos o nosso espirito attribulado pelos acontecimentos tendo, muitas, parentes combatendo, nos achando em situação afflictiva, algumas vezes desesperadora, por estarmos longe das famílias, pois, como deveis saber, a nossa escola tem o regimen de Internado. Esperando agasalho e justiça, somos – Diversas alumnas da Escola de Enfermeiras D. Anna Nery (GLOBO, 1930, s. p.).

A publicação acima demonstra a grande insatisfação com as atitudes tomadas pela escola, no que diz respeito aos exames de avaliação. Apesar de outros estabelecimentos de ensino reconhecerem o período turbulento pelo qual o país passava – a eclosão da Revolução de 1930 –, e acordarem outras formas de avaliação, a enfermagem permanecia obediente às regras estipuladas pela própria escola. De fato, a obediência era uma das principais “virtudes” das profissionais. Esta foi a primeira vez em que foi possível ouvir, com suas próprias palavras, a voz das alunas.

O importante a ser destacado aqui, é a necessária existência da resistência concomitante a qualquer forma de poder. Essa resistência provocou efeitos na forma com que a enfermagem e sua formação eram disseminadas pela mídia jornalística, anteriormente forte aliada às responsáveis pela escola. Críticas e acusações sobre as condições consideradas “desumanas” na formação profissional começavam a desmoronar o cenário construído de perfeição antes narrado. Observou-se, assim, os percalços encontrados pelas responsáveis da escola nos âmbitos de divulgação da escola no Brasil, no manejo da manutenção da “boa

imagem” desta escola, uma vez que a evasão de alunas e os motivos para tal começaram a ser veiculados pela mídia, assim como no enfrentamento de severas críticas ao regime disciplinar imposto às alunas.

Essas questões são importantes para a compreensão da dinâmica tensa e conflituosa em que aquele cenário de profissionalização do cuidado ocorria no país, extremamente ligada a relações verticalizadas e assimétricas de poder. Isto posto, questiona-se, ainda, dois pontos importantes a serem discutidos neste artigo: afinal, quem era o “tipo certo” de candidata, que tanto se procurava atrair em propagandas, e de que forma a disciplina imposta pela escola foi capaz de docilizar alguns corpos e invisibilizar e excluir tantos outros?

3. UMA VIDA DE CONVENTO

O sucesso do desenvolvimento futuro da enfermagem no Brasil, depende exclusivamente das moças que se dedicarem a profissão, e portanto, todo esforço deve ser feito para atrair o verdadeiro tipo de mulher sensata, que sinta a magnífica contribuição que ella pode fazer, por intermédio da enfermagem, á civilização futura (MEMORANDUM, 1931, s. p.).

Os arquivos analisados apresentam recortes das relações estabelecidas entre diferentes indivíduos, com divisões hierárquicas bem delimitadas, construídas em torno da disciplina enquanto tecnologia do poder disciplinar. Ao direcionar a atenção para as relações estabelecidas entre aqueles indivíduos, tornam-se claros os regimes disciplinares, em que é possível verificar o grupo que majoritariamente exercia o poder, bem como aquele sobre o qual era exercido. Havia um intenso investimento sobre o corpo das alunas exercido pelas enfermeiras americanas, com todo um mecanismo aparelhado de instrumentos e técnicas disciplinares que visavam a produção não apenas da “enfermeira perfeita”, mas da “mulher perfeita”.

Ao ingresso das alunas, distribuíam-se seus corpos em um espaço codificado: o primeiro passo do procedimento disciplinar. O espaço do internato era localizado, naquele momento, no antigo Hotel Sete de Setembro, na Avenida Ruy Barbosa, número 12, no Rio de Janeiro. Este espaço de residência foi concedido pelo governo à escola em 1926, substituindo

o antigo local de moradia das alunas situado na Rua Valparaíso, número 40-A. O internato era indispensável para a formação de enfermeiras. Além da residência, as alunas eram vigiadas também nos campos práticos de treinamento, especialmente no Hospital São Francisco de Assis, no Hospital Arthur Bernardes e no Hospital São Sebastião.

Um problema imposto a ser resolvido foi o fato de a residência não estar anexada ao hospital de ensino, como preconizado. A proximidade territorial permitiria maior controle sobre as alunas, bem como a otimização do tempo de deslocamento. Tal situação foi solucionada com a aquisição de um ônibus, que seria o veículo utilizado unicamente pela escola, transportando as alunas da residência para os hospitais de ensino, e vice-versa, com o objetivo de vigiar e controlar todos os espaços que estas ocupavam.

A residência que habitavam era detalhadamente organizada, aos moldes de uma instituição total. Ao chegarem, as alunas deixavam suas malas devidamente identificadas com seus nomes, para serem guardadas no depósito; recebiam um cobertor que as acompanharia por todos os anos de formação, sendo obrigatória sua devolução – ocasião em que seria inspecionado se o mesmo se encontrava em boas condições; seus horários eram pré-estabelecidos e até mesmo seus horários de banho eram assim determinados.

Exma. Sra. D. Marietta Rocha (Inspectora de Alumnas): - Esqueci-me de avisá-la de que eu prometi às alumnas que o gás ficaria aberto até as 10:45 da noite, para que as alumnas que deixam o serviço às 10:30 da noite possam ter o seu banho. A alumna inspectora será responsável pela fiscalização para que as outras alumnas não tomem banho depois de 10 horas da noite. Qualquer complicação que surja a este respeito, peço-lhe comunicar-me imediatamente, e providenciaremos para que cesse esta concessão (PULLEN, 1930b, s. p.).

Obrigatoriamente, as alunas deveriam ser internadas na escola, em companhia de professoras e de uma inspetora, além das empregadas e dos seguranças. A utilização do regime interno e o controle de absolutamente todas as atividades diárias das alunas, nos mínimos detalhes, davam conta da afirmação de que o esquema panóptico defendido por Foucault já estava ali incorporado.

Às alunas, minuciosamente selecionadas para ingressarem na escola, eram impostas rígidas disciplinas que possuíam grande herança da religiosidade cristã, especialmente no que

concerne ao controlado uso do tempo. Foucault (1987) caracteriza as antigas ordens religiosas como “especialistas do tempo”, nas quais empregava-se o princípio da não-ociosidade, visando o não desperdício do tempo que fora disposto por Deus. Procurava-se intensificar o uso dos mínimos instantes, como um ponto ideal entre o máximo de eficiência e o máximo de rapidez. Trata-se de uma técnica de sujeição, que procura dominar cada segundo da vida do indivíduo. De fato, as similaridades com a vida em um convento se tornarão mais claras adiante. Como expresso no panfleto intitulado “Organização de Programa Semanal”, de 1931, recebido pelas alunas ingressantes na escola, o controle do tempo era estritamente estabelecido:

Cada HORA de aula exige de vós 2 HORAS de estudo para perfeita assimilação. Urge dividir bem vosso tempo; lembrai-vos, pois, de incluir em vosso programa semanal o tempo indispensável para: 1 hora de exercício físico ao ar livre, por dia; 3 horas de ginástica ou natação, por semana; 3 refeições tranquilas e lentas, por dia; 8 horas de sono, todas as noites; 2 tardes de vida social por semana (ORGANIZAÇÃO..., 1931, s. p.).

Esse controle do tempo e das atividades tomavam uma boa parte dos procedimentos disciplinares. Não apenas na vigilância hierárquica, em que as alunas eram constantemente observadas, analisadas, classificadas e julgadas, mas como também na utilização da sanção normalizadora: era o tempo um dos principais aspectos passíveis de punição. As principais queixas referidas pelas professoras e instrutoras da escola contra as alunas referiam-se a atrasos na chegada em diferentes aulas e pouca tolerância era concedida. Todos os aspectos da vida cotidiana que poderiam influenciar nesses atrasos eram ignorados: o que contava, realmente, era a presença pontual.

Sinto-me bastante envergonhada ante a necessidade de chamar a antteção das diplomadas pela falta de ordem em seus quartos. Todas aspiram uma posição de maior remuneração e mais importante mas convem lembrar que a capacidade de bom trabalho se julga não somente pela eficiencia em hospitaes, mas também, pela ordem nos próprios quartos e em casa – pelo interesse em auxiliar a manter a casa das enfermeiras attrahente e espirito de cooperação para o bem estar da comunidade, como o é a nossa de enfermeiras. O individuo incapaz de organizar e fiscalizar seu pequeno domínio, ou seja quarto onde vive, não poderá aspirar nunca uma posição onde fiscalizará o serviço de outros (PULLEN, 1931, s. p.).

A rigidez observada no aviso deixa claro a posição hierárquica de quem avisa e de quem é avisada. O aviso redigido pela Srta. Pullen esclarece a preocupação e a exigência não apenas no âmbito profissional e técnico da atividade da enfermeira, mas também com as questões morais que reproduzem constantemente estereótipos de gênero que colocavam a mulher no lugar de organizadora do lar. De fato, a formação de enfermeiras lá estabelecida objetivava uma domesticação para além da enfermagem. Por vezes, comparava-se o exercício da enfermeira com o exercício da dona de casa. Enfatizava-se, também, a “vantagem” de tal formação, visto que, caso a enfermeira diplomada optasse por não permanecer na profissão, teria desenvolvido seus ímpetos femininos que a tornariam uma excelente esposa, mãe ou filha.

Na imposta realidade do internato, não se tratava de prender as alunas ou de criar muros e cercas, mas de introjetar as disciplinas, especialmente através da constante vigilância hierárquica tanto das “superiores” quanto das próprias alunas umas sobre as outras. Era comum, em determinado ano de formação, o apontamento de “alunas inspetoras” durante atividades no campo prático de ensino e no próprio internato, que ficaria responsável por observar e organizar as atividades realizadas pelo restante da turma. Ao mesmo tempo em que o poder era exercido sobre as alunas, estas almejavam chegar naquele lugar de “poder”, como uma imagem aos poucos construída através do espelho das enfermeiras americanas.

Esse movimento disciplinar fazia parte do projeto de formação de enfermeiras no Brasil: após o término de sua formação no país, duas alunas consideradas “de maior destaque” entre a turma eram enviadas até os EUA, por vinte meses, para complementar seus estudos em um ambiente já “civilizado”. Após este período no exterior, voltariam para o Brasil capazes de assumir, aos poucos, os lugares ocupados pelas enfermeiras americanas. É interessante observar os detalhes na forma de organização em que essa viagem ao exterior era executada.

Ao chegarem em solo americano, o destino das duas alunas selecionadas não era um hotel, uma hospedaria ou outro internato escolar. Era um convento. Este importante detalhe da formação é explicitado durante uma entrevista concedida em fevereiro de 1930 por uma

enfermeira brasileira que havia retornado recentemente dos EUA, sob o título “Duas patricias que brilharam longe do Brasil.” Essa entrevista talvez seja o melhor recorte cotidiano para expressar os efeitos da domesticação imperante naquela formação de enfermeiras, conforme narrados pela perspectiva da ex-aluna – agora diplomada e reconhecida pela sua formação complementar no exterior.

A entrevista revela que, naquele ponto, muito de si já havia sido esquecido. Na primeira linha da conversa, a enfermeira afirma: “Eu não sei dar entrevistas para jornal. Sou uma enfermeira e não uma mulher de letras. Trabalho apenas. Não pontifico.” Muito de si já havia sido tão domesticado que não havia espaço para ser nada além daquilo que havia sido moldada a ser. Foi durante essa entrevista que, sob o subtítulo “Uma vida de convento”, a enfermeira – constantemente chamada de “brasileirinha” pelo entrevistador – discorreu sobre sua chegada em Nova York, EUA.

– Quando saltei em New York, com a minha colega, senti-me meio aturdida. Não sabíamos dizer uma só palavra em inglês. Mas um representante da Missão Rockefeller recebeu-nos no caes e livrou-nos de maiores embaraços. Conduziu-nos até um convento.

– Um convento!!

– Sim. O Convent of the Holy Child, em Sharon Hil. Alli passamos tres mezes, para praticar a língua inglesa com as freiras. Nosso regimen era o mesmo da clausura. As 8:30 horas, antes do anoitecer, portanto, tínhamos de nos recolher ao quarto. Magnifico aquilo! Se não podíamos passear, aproveitamos o tempo para estudos, o que sem duvida era melhor (PRESTES, 1930, s. p.).

É intrigante – porém, não incoerente – que o espaço inicialmente destinado às alunas brasileiras no exterior fosse um convento, onde permaneceriam por três meses. Como dito anteriormente, o internato funcionava como uma espécie de instituição total que carregava muitas heranças da religiosidade cristã em si. O enclausuramento era imprescindível para a produção da enfermeira perfeita. Mas, não apenas no convento hospedaram-se as alunas; em um segundo momento, permaneceram, financiadas pela Fundação Rockefeller, na International House, uma espécie de hotel direcionado para estudantes estrangeiros na cidade de Nova York.

Lá, mais um episódio cotidiano é capaz de demonstrar as sutilezas das situações em que essas enfermeiras se faziam quase invisíveis. Nos últimos dias naquele estabelecimento, houve uma festa de confraternização entre os diversos estudantes lá hospedados, das mais variadas nacionalidades. Como proposta da festa, aqueles estudantes deveriam vestir-se de acordo com a cultura de seu país. Foi nesse momento em que a docilização dos corpos a que foram submetidas mostrou-se em ato.

A festa realizou-se. Mas Celia ficou triste. Teve de aparecer com o seu vestido de sempre. O Brasil não tem traje regional. Importa a moda de Paris. No entanto, destacavam-se as hespanholas, as mexicanas, as hollandezas, as columbianas... As brasileiras do salão eram apenas as duas enfermeiras [...]. Celia estava triste naquela noite. Não podia representar o Brasil... Mas, depois de excutados todos os hymnos, um grupo numeroso e heterogêneo, onde estavam representadas todas as raças, foi envolver a nossa patrícia. E daquellas bocas todas línguas partiam as mesmas expressões, as mais entusiasticas, as mais sinceras, as mais fortes: - O Hymno Brasileiro é o mais lindo! (PRESTES, 1930, s. p.).

Até mesmo as vestimentas que as alunas da escola eram obrigadas a utilizar carregavam fortes idealizações de apagamento de si e principalmente de suas sexualidades. De fato, os uniformes obrigatórios na escola ocupavam frequentemente os discursos das enfermeiras americanas. Era um ponto central que dialogava diretamente com a imagem pública da enfermeira, que era vestida com importantes semelhanças às freiras. Eram padronizadas. A narrativa citada permite a tomada de consciência do processo disciplinador que imperava na formação das alunas, e seus efeitos no que se refere a seus modos de existir.

Com efeito, e não por acaso, esse apagamento é convenientemente substituído ou atenuado pelo teor patriota ao qual a “causa” servia. Apagadas e tristes, porém patriotas orgulhosas do hino brasileiro. O caráter patriota embutido na nova profissão foi construído lentamente, através da introjeção da perspectiva americana de “patriotismo”, até articular-se estrategicamente com o caráter religioso. Adiante, serão discutidos esses pontos que embasaram a construção da figura da enfermeira padrão.

A presente seção deste artigo não teve o objetivo de descrever e analisar as técnicas disciplinares empregadas no controle das alunas daquela escola. Este tipo de análise é

frequentemente encontrado na literatura nacional e internacional, com forte predominância, inclusive, da utilização de conceitos foucaultianos. Objetivou-se, porém, apontar para certas disciplinas aplicadas no cotidiano das alunas, que demonstram o sutil e violento processo de apagamento de si, através de atitudes e discursos a elas impostos. Esses apontamentos abrem novos rumos de pesquisa, que direcionariam para possíveis construções identitárias que foram sustentadas por forte carga colonial impregnadas pelo conservadorismo imperante naquele momento. Para além dos corpos dóceis produzidos pela escola, é necessário olhar também para os corpos invisibilizados que também lá foram produzidos e que são categoricamente esquecidos.

4. VALOR ACIMA DO VULGAR: QUAL O VALOR DA ENFERMAGEM?

Nos primórdios da profissão, a necessidade de sua valorização estava posta. Foram diversas as dificuldades encontradas pelas responsáveis da Missão em ocupar espaços, tanto simbolicamente quanto fisicamente. Houve dificuldades em conseguir espaços como laboratórios, salas de aulas e até mesmo mesas e luminárias para que as alunas pudessem fazer suas anotações em campo prático. Em outros momentos, as enfermeiras eram esquecidas em celebrações da área médica, sem sequer serem convidadas para tais eventos. Apesar destes serem atravessamentos importantes, a presente seção se refere a outros tipos de valores.

A ethica profissional é também encarada arbitrariamente no Serviço de Enfermeiras. Uma dessas jovens patricias que trabalham no Hospital São Sebastião, achando-se esgotada pelo excesso de serviço, requereu licença para reforçar sua saúde, já seriamente ameaçada. Seu pedido foi vetado pela superintendente americana. Valendo-se de relações de amizade de um parente próximo, a requerente conseguiu expor ao director da Saude Publica as suas pretensões justas, obtendo promessas de ser satisfeito o seu pedido. Immediatamente surgiu uma grande investigação em torno desse facto e a enfermeira foi chamada á presença da superintendente e acremente censurada pela falta de ethica em que incorrera dirigindo-se diretamente á autoridade sanitária, apesar da opposição que lhe fazia a sua chefe. E por essa ‘falta de ethica’, que melhor se pode classificar de intolerância e deshumanidade, da profissional yankee, a nossa joven patricia continuou a trabalhar sem a pretendida licença... Cuidar da saúde é coisa tão sem importância!... (A NOITE, 1929a, s. p.).

O trecho acima retirado de uma reportagem do jornal “A Noite”, de 1929, reitera algumas das árduas críticas feitas às condições em que as alunas eram obrigadas a vivenciar em sua formação. O tom irônico remete justamente à falta de cuidado com as alunas enquanto se buscava ensinar justamente a profissionalização dessa ação. Porém, é em um ponto específico do texto que aparece um questionamento importante: a ética profissional arbitrária. Esse questionamento da ética, naquele contexto, diz respeito justamente à arbitrariedade quanto à dispensa de cuidados à saúde.

A discussão aqui relevante perpassa também pela ética, uma vez que esta é estritamente relacionada às normas, à moral e aos valores que lá imperavam. É sobre esses valores que a presente seção se debruça, com consequente questionamentos quanto à ética que regia a escola naquele período. Tal discussão é importante para o contexto analisado, uma vez que permite tanto questionar os valores já naturalizados pela narrativa hegemônica na área, quanto questionar a quais objetivos e ideais esses valores serviam, e como estes se relacionavam com os interesses lá em jogo.

Ana Paula Pedro (2014) afirma a frequência das confusões na utilização de diferentes conceitos em diversos contextos, que muitas vezes são equivocadamente utilizados como sinônimos, como os de ética, moral, normas e valores. Nesse sentido, a autora esclarece, a partir de uma perspectiva teórico-filosófica, as diferenciações necessárias entre esses conceitos, bem como seus sentidos de complementaridade. Apoiada em autores como Paul Ricoeur, Jerome Schneewind e Johannes Hessen, Pedro (2014) explicita que a moral se refere a um conjunto de normas, valores, princípios de comportamento e costumes específicos de um grupo social. Essa moral é eminentemente prática, voltada para ações concretas e reais, na aplicação de normas consideradas válidas por determinado grupo. É sobre a moral, então, que se faz referência quando a presente pesquisa se dirige à domesticação e docilização dos corpos das alunas da Escola de Enfermeiras. A ética, por outro lado, em intrínseca articulação com a moral, refere-se justamente à preocupação com a fundamentação da moral, que toma como objeto de análise a natureza dos princípios que apoiam essas normas, questionando seu sentido, estrutura e argumentação.

A autora lança mão de conceitos como “normas” e “valores” ao se referir à moral. A norma diz respeito à uma esfera da obrigatoriedade, daquilo que é socialmente permitido e aceito como conduta por um grupo, enquanto o valor é específico na sua estruturação no entorno de dicotomias – como “bom” ou “mau”. Assim, entende-se por valor “a qualidade abstrata preferencial atribuída pelo sujeito suscitada pelas características inerentes de determinado objeto que satisfazem as necessidades e interesses daquele” (PEDRO, 2014; p. 493). Reconhece-se, então, a dimensão subjetiva interpretativa do sujeito referente a determinada situação, que pode ser representada por um objeto concreto e objetivo, portador de um conjunto de qualidades significativas ao sujeito que as valorizou. São realizados juízos de valor, em uma dimensão relacional entre o sujeito que valora e o objeto valorado (LUCAS; PASSOS, 2015).

O valor existe, então, enquanto uma “vivência”, enquanto um fenômeno consciente referente a algo que responde objetivamente aos interesses e problemas profundos do sujeito. O mundo dos valores é inesgotável em tipologias que abrangem valores morais, ético, políticos, espirituais, ecológicos, entre outros (PEDRO, 2014). Além disso, os valores possuem características próprias que dizem respeito aos seus ideais, hierarquização, polarização, classificação, objetividade e subjetividade.

Assim, é possível compreender a importância dos valores no escopo analítico aqui construído, uma vez que estabelece diálogo com aspectos relacionais de um grupo social que envolvem diretamente os interesses que os servem. O valor não existe em si mesmo. Há uma alteridade necessária que o faz existir apenas em relação a um outro sujeito: “valor é sempre valor para alguém” (HESSEN, 2001, p. 23). Estabelece-se, dessa forma, a relação entre a moral, constituída por normas e valores, e sua problematização pela ética que procura compreender e questionar sua fundamentação. Isto posto, procurou-se, aqui, não examinar minuciosamente todos os valores e normas que constituem a moral construída pelo corpo docente da Escola de Enfermeiras, visto a abrangência do tema, mas destacar pontos centrais desses valores a fim de compreender como esses serviram para a construção de uma enfermeira padrão e idealizada. Trata-se de um percurso etnográfico necessário imposto pelos

arquivos analisados e sem possibilidades de atalhos, para que fosse possível compreender a dinâmica da construção da nova profissão naquele momento.

Estas americanas injustamente alvejadas, podem ser consideradas mulheres extraordinárias, de um valor acima do vulgar e que muito têm feito no Brasil, pelo nosso ideal, que é a enfermagem moderna. De nós ellas merecem muito e se houve mãos elementos que não conseguiram, e que não conseguem compreender o valor dessa organização, quasi perfeita, e mais talvez se não fosse humana, que é a Escola de Enfermeiras D. Anna Nery, é porque luta sempre com alguns elementos indesejáveis, que não têm noção de ideal e muito menos de gratidão (MARANHÃO, 1930a, s. p.).

O recorte acima foi retirado de uma notícia também do jornal “A Noite”, de 1930, que consistiu em uma abertura para que a Escola pudesse se defender das acusações que o mesmo veículo havia realizado, anteriormente naquele ano. A resposta ao jornal foi redigida por uma ex-aluna da Escola, já diplomada: Sylvia Arcoverde Albuquerque Maranhão. Em defesa das enfermeiras norte-americanas, ressalta-se em seu discurso o valor “acima do vulgar” destas, as questões como ideais, perfeição e conflitos entre discentes. Vale lembrar que as principais críticas que aquela formação passou a receber vieram do movimento de resistência dessas alunas consideradas ali como “elementos indesejáveis”.

Esse pequeno trecho está em consonância com diversos outros discursos encontrados nos arquivos e permite abrir um primeiro caminho no sentido de destacar alguns valores. É possível perceber, inclusive, a questão do desejo entrando em cena, pelo próprio uso da palavra “indesejáveis”. Lucas e Passos (2015) apontam para a permeação das questões do desejo e da necessidade na atribuição de valor. O juízo de valor atribuído às enfermeiras norte-americanas é primeiramente o “acima do vulgar”. Como visto, o valor se estrutura em polarizações ou dicotomias (vulgar/invulgar) e determina normas obrigatórias de comportamentos, que, uma vez desobedecidas, tornam-se indesejáveis naquele espaço. Mais do que isso, ambas constituem a moral daquele grupo; e com essa constituição, pretende-se exprimir algo objetivo, como um juízo geral do qual todos reconhecem e partilham. Como afirma Hessen (2001), o moralista procura o “bem moral” para que dele se extraia normas práticas efetivas que irão determinar comportamentos e ações humanas. Nessa direção,

tentava-se insistentemente inculcar valores naquelas alunas para que se moldasse a “enfermeira padrão”, ao passo em que se procurava afastá-la de tudo aquilo que fosse vulgar.

É possível constatar, nos arquivos, as tentativas de afastamento de tudo e todos que pudessem corromper a moral estabelecida naquela escola. Um dos episódios observados ocorreu em 1929, quando, por falta de quantitativo de mão de obra de alunas no Hospital Arthur Bernardes, as “serventes” do hospital começaram a ajudar nas tarefas de cuidados ao doente; referindo-se à essa questão, a enfermeira Bertha Pullen relata, em carta, que “*of course is a thing that we should get away from*”⁶ (PULLEN, 1929, s. p.). Em outra situação, observa-se, mais uma vez, a polarização daquilo que moldava a moral da enfermagem, em que procurou-se afastar das alunas o considerado imoral.

Peço venia para relatar-vos a situação angustiosa em que se encontra esta Escola, na iminência de se ver cercada de visinhança suspeita, junto ao seu Pavilhão de Aulas, instalado nos fundos dos terrenos do Hospital S. Francisco de Assis [...].

Acontece porém que está sendo construída uma habitação destinada ao meretrício no ângulo da rua Benedito Hipolito com a rua Amoroso Lima, construção esta que já se encontra bastante adiantada, trazendo portanto em sobressalto a administração da Escola Anna Nery que se vê na contingência de não ter por onde passar para transportar suas alunas diariamente do Internato da Escola para o Pavilhão de Aulas, sem ofender-lhes o pudor, expondo-as ao risco de uma promiscuidade desagradável, e imoral.

Apelo ao vosso critério para saber qual a solução poderiam encontrar para resolver esta situação (LOBO, 1931a, s. p.).

No caso acima, a própria construção do que se referiam como “meretrício” em espaço público é causadora de angústia e ofensa. Há uma impossibilidade do mínimo convívio, visto que as alunas internadas naquela escola estariam em risco ao entrarem em contato com o que consideravam imoral. Nessa carta redigida por Rachel Haddock Lobo à Srta. Parsons, de 1931, fica claro um ponto em comum que viria a nortear um certo epicentro daquilo que levantava as questões morais das frequentadoras da Escola de Enfermeiras: a sexualidade⁷.

⁶ Tradução livre: “É claro que é uma coisa da qual deveríamos nos afastar”.

⁷ Entende-se sexualidade segundo Foucault (1988), a qual é construída a partir de discursos sobre o sexo, que serviam aos diferentes interesses do poder (como os discursos da igreja e da pedagogia), e constitui-se, assim, como um dispositivo de histórico de poder que permanece atuante na sociedade pelos três últimos séculos, capaz de normalizar, regular e julgar a sexualidade de acordo com a verdade instituída pelos discursos.

A aluna ideal, em outras palavras, não poderia ter uma vida sexual ativa: deveria ser solteira, viúva ou separada – internada e vigiada minuciosamente; deveria seguir os mandamentos religiosos do catolicismo e apresentar o atestado de idoneidade moral. Tratava-se de mais uma herança cristã para a profissão. Construía-se e reproduzia-se discursos que perpetuavam estereótipos de gênero que recolocavam a mulher no lugar de subalternidade, negando-lhe a sexualidade e afastando-a de tudo que a pudesse “corromper”, apoiados por um ideal de cristandade feminina.

A imagem de uma mulher “pura”, quase santificada, dominava a vida daquelas que trabalhavam pelo “ideal da enfermagem”. De fato, os valores foram construídos como vivências alinhadas aos interesses e desejos daquilo que se pretendia valorizar publicamente. Em uma carta do ano de 1931, em que eram discutidas questões para o progresso da profissão, a moral e a satisfação eram consideradas os dois fatores centrais para o seu sucesso. Naquele documento, as enfermeiras norte-americanas afirmam a necessidade de produzir a moral nas alunas através da análise de seus trabalhos e de seus comportamentos, procurando fatores que provocassem irritação naqueles que as rodeavam, como: críticas injustas do público, opiniões erradas dos médicos a respeito delas, opiniões contrárias à profissão e falta de auxílio pecuniário. A preocupação com a opinião e aceitação pública, assim como a produção de enfermeiras perfeitas, com moral incorruptível, permanecia prioritária.

A satisfação dizia respeito à colocação da profissão de enfermagem como única possibilidade para a mulher “elevar o vosso sexo”, com independência, e atingir “as melhores coisas na vida”. A satisfação e felicidade espiritual seriam alcançadas por elas, uma vez que se tornariam úteis para sua pátria, ao passo que, simultaneamente, estariam servindo aos princípios cristãos. Com o aumento das críticas negativas à enfermagem, os discursos das enfermeiras sofreram modificações e contradições. Em vista de protegerem a exaltada imagem da profissão, afastaram-na do discurso do “sacrifício” anteriormente rogado, para aproximá-la do discurso da “satisfação”; este ponto será discutido adiante. No mesmo documento de 1931, é afirmado que, para que fosse possível atingir tantos objetivos idealizados, seria necessário manter o padrão elevado da escola, os regulamentos severos e a

escolha cuidadosa de suas alunas – mais cuidadosa do que em outras escolas, exigindo uma etiqueta social elevada.

Alguns mantem até hoje a concepção acanhada e passadista do que é a enfermeira, do que o publico deve exigir d’ella e que espécies de typos sociaes diversos ella deve estar apta a enfrentar [...]. O terceiro objectivo de minha conferencia de hoje é o de banir a ideia archaica de que a enfermeira deva ser uma servente, de que seu trabalho seja um sacrificio, tornando-se pela força das circunstancias uma martyr. É opinião publica que o trabalho especial exigido da enfermeira, priva-a da satisfação pessoal e das opportunidades geraes de bem estar e vida alegre, que julgam existir nas outras vocações. A ideia é que a enfermagem significa: constrangimento, reclusão e abandono de todos os prazeres da vida normal. Essa doutrina antiquada tem sido combatida pelo espirito moderno e cantradicta por todos os ensinamentos da psychologia e pela ethica. A Enfermagem por si mesma, proporciona uma fonte de prazeres, e offerece um contingente de recursos para a pratica de todas as ambições, fundamentaes, emotivas, physicas e intellectuaes de uma jovem normal e bem formada. Quando o intelecto normal e as opportunidades sociaes não entram em jogo, temos como resultado um desvio de personalidade, e character, que deixam de auxiliar o desenvolvimento para um serviço efficiente (RÁDIO..., 1930a, s. p.).

Não se trata, aqui, de fragmentar cada um dos valores identificados e colocá-los em um compartimento analítico. Contudo, pode-se afirmar que na hierarquização dos valores daquele grupo, os valores cristãos eram dominantes e que ramificavam para diversos outros que atingiam valores políticos, morais, estéticos, econômicos. Os discursos eram moralistas – no sentido de que se pretendia a universalização dos valores “inatos” das mulheres – construídos no alicerce de uma moral extremamente rígida, que afirmavam a enfermagem moderna como “uma verdadeira religião sanitária”, cuja recompensa financeira não poderia nem deveria ser o interesse daquelas futuras enfermeiras, visto que “seria um crime mercantilizar um sacerdócio” (LEITE, 1930, p. 3). As futuras profissionais, por vezes, eram referidas como “modernas apóstolas da saúde” ou “sacerdotizas da religião sanitária” (PREPARANDO..., 1930, s. p.). A enfermeira caracterizava-se como aquela que cotidianamente esquece de si mesma para ofertar cuidado aos outros: “Sereis chamadas ao serviço quando tendes soffrimentos em casa e prefereis estar com os vossos. Lembra das

primeiras aulas da vossa infância onde aprendeste a escrever ‘eu’ com letra minúscula e fareis então o dever que vos é dado” (KIENINGER, 1931, p. 1).

Dessa maneira, conhecendo alguns desses valores, e concebendo o valor cristão como aquele influente para a fabricação da moral e dos discursos moralistas construídos nos primórdios da enfermagem no Brasil, discute-se, agora, a virada discursiva que, ao associar patriotismo e cristandade, iluminou o emprego do mito do amor materno como estrutura fundamental na construção de uma imagem ideal de enfermeira.

5. “MÃES DESTE GERAÇÃO”: O MITO DO AMOR MATERNO E SUA INFLUÊNCIA NO CUIDADO PROFISSIONAL

A mulher brasileira na sua doçura nata, aliada ao seu instinto maternal simboliza o typo perfeito de enfermeira, com o verdadeiro espirito de quem deve á cabeceira do enfermo substituir a mãe, a mulher e a filha.

Educada na sua maioria, sob os preceitos religiosos, a mulher brasileira desde os primeiros annos aprende a fazer a caridade imitando quem tanto se sacrificou pela humanidade, o Christo Redemptor.

Foi a religião catholica que ligada indissolúvelmente á enfermagem, criou desde tempos mais remotos as primeiras e grandes obras de S. Francisco de Assis e S. Vicente de Paula, esboçados no tempo das Cruzadas de S. Luiz, Rei de França.

Religiosas foram as primeiras enfermeiras, quando ainda a profissão dependia intimamente da necessária vocação á vida do claustro e do extremo sacrificio.

Muitas das nossas jovens patricias cujos corações na expansão da bondade innata se sentiam realmente attrahidas para a realização dos seus puros ideaes, porque lhes faltasse tendencia religiosa, viam-se privadas de praticar o maior dos conselhos do doce Nazareno: ‘mitigar a dor aos que sofrem’. Actualmente porém, com a Escola de Enfermeiras D. Anna Nery, annexa ao Hospital Geral de Assistencia, esse problema está resolvido (CHRISTO..., 1930, s. p.).

A citação acima foi retirada de uma chamada pública de abertura de matrículas do ano de 1930 para a referida escola. Nesse documento, perpassam alguns dos principais valores que constituíram a moral lá imperante. Como afirmado anteriormente, não se tratava apenas da docilização da enfermeira perfeita, mas da mulher perfeita, vista como aquela adequada para auxiliar o homem. Ressalta-se a maneira como o valor fundamental cristão reproduziu o

lugar subalternizado conferido à mulher pela sociedade patriarcal – seja pela figura do homem médico, seja pela figura do homem Deus. Nesse sentido, construíam-se discursos perpassados por diversos valores, que encontrariam suporte e argumentação em um novo valor: o mítico amor materno.

As moças que abraçaram a profissão de enfermagem, porem, têm demonstrado, além de ideais patrióticos de humanitários, uma verdadeira inspiração, bem como excelente habilidade executiva e energia no trabalho pratico confirmando a asserção de que ‘A base da arte da enfermeira é o instinto materno bem desenvolvido’, e não resta duvida que o espirito materno é extraordinariamente desenvolvido na mulher brasileira (LOBO, 1930, s. p.).

No âmbito público de cuidado profissional, a enfermeira incorporaria e colocaria em prática seus “instintos maternais” inatos, assumindo, especificamente, o lugar de mãe⁸. O papel reprodutor conferido à mulher foi readaptado para que essas enfermeiras assumissem o cuidado, não com sua própria prole biológica, mas com a população brasileira. O trecho acima retirado da reportagem do jornal Correio da Manhã de 29 de junho de 1930 demonstra parte de discursos públicos acerca da enfermeira que enfatizavam o determinismo maternal das mulheres. É interessante refletir sobre como a construção do mito do amor materno, explicitado em detalhes por Elisabeth Badinter (1985), manteve relações intrínsecas com a construção da figura da enfermeira no Brasil. A mãe moderna – uma santa mulher, que se apagava em favor da “boa mãe” – pertencia à média burguesia, e tinha por padroeira natural a Virgem Maria: afastou-se a imagem da mulher de Eva – perigosa e tentadora – e aproximou-a de Maria – doce, pura e sensata (BADINTER, 1985).

Vossos filhos – a geração futura – vos chama; mais que estes, as mães d’esta geração necessitam de vossos cuidados para ensina-las a hygiene infantil.

⁸ A vinculação da enfermeira/o às funções atribuídas às mães não foi superada nos séculos seguintes. De fato, permaneceu e permanece inculcada na profissão. É o que demonstra a psicóloga Karin Telles (2006) com sua dissertação de Mestrado na Universidade Estadual Paulista, ao investigar os sentidos do cuidar através de uma escuta psicanalítica sobre a atuação do enfermeiro. A autora considera a existência de uma semelhança simbólica entre as tarefas executadas pelo enfermeiro e a função materna, especialmente pelo modo em que são relatados os cuidados ofertados por esses profissionais. Telles aponta, também, que os sentidos atribuídos ao cuidar pelos enfermeiros parecem ter origens de suas experiências pessoais, sobretudo aquelas do âmbito familiar, com relação a pais e irmãos.

Vossa pátria está cheia de tuberculosos, e podeis servi-la ensinando as leis de hygiene, prevenção e prophylaxia [...]. Somente com harmonia, união e cooperação em vossas organizações podereis alcançar o alvo; seguindo a inspiração da chefe, sereis os apóstolos de saúde, exemplos da nobreza de espirito que procuram servir a Deus e à pátria (O VASTO..., 1929, s. p.).

É possível perceber grandes semelhanças entre a construção da figura mítica da mãe com a construção da enfermeira brasileira. Com poucas modificações, os discursos que construíram o ideal de mãe, deslocavam-na levemente do caráter privado que possuíam para assumir o mesmo papel no espaço público. Sob mil promessas e discursos de valorização de seu trabalho, único e nobre, manipulava-se um contingente de mulheres para novamente colocar em prática seus “dons naturais”. Ademais, caberia à enfermeira os cuidados e a educação das novas mães, com o objetivo de preservar a saúde de seus filhos, que seriam o futuro da nação brasileira. Entrava ainda mais em cena o caráter patriótico, que impregnou a profissão em seus primórdios, articulado estrategicamente com o caráter cristão ainda existente, apesar de não se impor mais pelas vias do “sacrifício”, mas da “satisfação” – o mesmo argumento amplamente utilizado na fabricação do papel de mãe no século XVIII. Com discursos contraditórios, mas articulados entre si, procurava-se seduzir algumas mulheres brasileiras a servir a Deus, à pátria e à família, através da única profissão capaz de lhe dar uma vida de alegrias.

A mulher como mãe e esposa, está o futuro de nossa geração tão estreitamente ligado como della depende a sua própria origem [...]. É a mulher como noiva ou esposa que zelando por si mesma para mais tarde, poder apresentar um filho sadio e forte, o Brazil grande e forte, deverá a sua imensa gratidão. É a mulher, conseqüentemente que mais de perto toca os conhecimentos eugênicos, para symbolo que é do anjo do bem, poder levar aos lares menos protegidos da fortuna a alegria, a felicidade, a saúde e o bem estar. Quem melhor que a enfermeira, está nas condições de ser a disseminadora desses princípios e preceitos? (A ENFERMEIRA..., 1930, s. p.).

Ancorados no novo valor do amor materno, articulado com outros valores já discutidos, construíram-se os argumentos para justificar a nova profissão e a nova profissional. É preciso atenção na problematização quanto aos discursos lá construídos, que “apagavam” as mulheres em prol de objetivos econômicos nacionais. Não foi por acaso e sem

interesses prévios, que se construiu na figura de Ana Néri, intitulada “mãe dos brasileiros”: o mito necessário que representaria a enfermagem e a enfermeira brasileira, e daria nome àquela escola. Ainda atualmente, os discursos proferidos acerca da figura de Ana Néri no Brasil (PERES et al., 2021) – assim como acerca da figura da própria Florence Nightingale (BACKES et al., 2020) – reafirmam o lugar mítico e romantizado que essas mulheres ocupam na enfermagem nacional. Não se pretende, aqui, minimizar qualquer importância cultural e política construídas nessas personagens, mas sim possibilitar, respeitosamente, o questionamento de suas exaltações.

Ana Néri, entre tantas outras mulheres, participou da Guerra do Paraguai (1864-1870). No Brasil, respondendo ao chamado patriótico de D. Pedro II pelo serviço “Voluntários da Pátria”, homens e mulheres engajaram-se na resposta ao conflito. As mulheres aderiram de formas variadas, preparando seus filhos, enviando-os ao serviço militar, bordando bandeiras nacionais, ou atuando como enfermeiras nos hospitais (DOURADO, 2005). Ao questionar a presença feminina na referida guerra, Colling (2014) afirma que Ana Néri é unanimidade em todas as obras brasileiras naquele contexto.

Nós Brasileiros temos um bello exemplo bem frizante da mulher dedicação da mulher patriota, da mulher guerreira, da mulher bem mulher da mulher mãe. Eil-a na figura doce e crarquilla de Anna Nery. Anna Nery, nascida em Cachoeira (Bahia) em Julho de 1815, casada com o Capitão de Fragata Isidoro Antonio Nery, a quem teve a desventura de perder bem moça ainda, vivia no recato de seu lar, cercada dos carinhos de três filhos queridos e acatada pela sociedade da província em que vivia, quando a guerra do Paraguay veio abalar os tranquillos lares Brasileiros. Tinha Anna Nery então 50 annos. Seus 2 filhos médicos haviam partido e ella abandonando o canto de sua casa, sacrificando o seu bem estar e sem pensar no pezo dos seus 50 annos, alistou-se no 4 batalhão de infantaria de voluntários, juntamente com seu irmão Tte. Coronel Joaquim Mauricio Teixeira e seu filho Pedro Antonio Nery.

Aos campos de batalha chegando, sua energia e abnegação foram postas á prova pelas difficuldades da viagem que foi extenuantíssima, principalmente devido a sua avançada idade, como também pela lucta que travou com o espirito da época, tao intenso ao individualismo feminino.

Nada porém, podia abater a heroicidade de Anna Nery, nem esmorecer-se o animo, e vencendo sempre, victoriosa de todos os obstáculos, risonha e feliz em estar cumprindo o seu dever de mãe e Patriota, Anna Nery, pensando

uns, consolando outros, e confrontando ainda outros, assim se foi indo, acompanhando o exercito brasileiro, até Corrientes, Humaytá e Assumpção. O desvelo de Anna Nery era tal que muitas vezes o seu sorriso e a sua doçura eram os maiores lenitivos para os pobres soldados brasileiros, sem conforto de espécie algum [...]. Seu coração de mãe, se mui dilacerado – por deixar entre os escombros, um dos seus filhos adorados, não desanimou entretanto, e estava justamente curando um dos seus doentes, quando lhe transmitiram a triste nova, que com os olhos marejados de lágrimas recebeu, limitando-se a orar em pensamento pelo filho que jamais veria, enquanto com mais carinho ainda continuou a cuidar do pobre ferido; e no seu espirito pensava no quão misericordioso era o Senhor, por dar-lhe naquelle doente um novo filho para se ocupar (LOBO, 1931b, s. p.).

O trecho destacado acima foi retirado do discurso proferido pela enfermeira Rachel Haddock Lobo, em 1931, em cerimônia à memória dos 50 anos de falecimento de Ana Néri. Construída quase como um mito que glorificava um passado grandioso e vislumbrava um futuro promissor, apoiado pela estrutura do amor materno, inculcava-se um modelo respeitável a ser seguido. O papel de mãe dominava a narrativa, que permaneceu mesmo após a morte de seu filho biológico, quando é recolocada no mesmo papel ao cuidar dos feridos. A recompensa, porém, é sempre a alegria e a satisfação, demonstradas pelos sorrisos e doçura.

Não se tratava de uma figura qualquer. Foi preciso selecionar cuidadosamente aquela que poderia ser a referência brasileira para a nova profissão, que fosse condizente com os interesses políticos e sociais, com os valores e com os ideais adequados. Não por acaso, selecionou-se uma mulher branca, de alto poder aquisitivo, de família influente, com grande reconhecimento social, religiosa e mãe. Quase perfeita para ocupar o lugar mítico que a destinavam, se não fosse pelos detalhes de seu nome – rapidamente “elevado” e americanizado: Anna Nery. Engendrava-se a idealização da enfermeira brasileira – como afirmado por Campos (2012), centrada na figura da mulher jovem, branca, culta e de boa família.

6. QUEM QUER SER ENFERMEIRA OU QUEM PODE SER ENFERMEIRA?

Acham-se abertas até 4 de Março as matrículas das candidatas ao novo curso a iniciar-se em 26 daquele mesmo mez.

Com a inauguração recente do novo edifício de aulas, a Escola de Enfermeiras D. Anna Nery concluiu as suas instalações modelares, oferecendo agora às jovens patricias o máximo conforto, desde as esplendidas comodidades da casa de residência das alunas, no edifício do ex-hotel Sete de Setembro, até as modernas salas de conferência, laboratórios e salas de sancas do lindo pavilhão de aulas, nos fundos do hospital S. Francisco de Assis.

Como se sabe, às alunas da Escola de Enfermeiras D. Anna Nery, são dispensados o ensino e manutenção inteiramente grátis, recebendo ainda, para suas pequenas despesas pessoais, a quantia de cento e sessenta milréis mensais, da sorte que às nossas jovens patricias aquela Escola oficial oferece todas as facilidades para se prepararem convenientemente para o exercício de uma das mais nobilitantes e bem remuneradas profissões femininas.

[...] Para matrícula exige-se da candidata que seja brasileira, que tenha certificado de exames preparatórios ou diploma de uma Escola Normal do país, que goze boa saúde e que tenha de 20 a 35 anos (A ESCOLA..., 1929, s. p.).

Notáveis eram as dificuldades referidas para que as “candidatas do tipo certo” se interessassem pela nova profissão, como exposto anteriormente. Torna-se importante, agora, examinar do que se tratava essa idealização e quais os mecanismos foram colocados em movimento para que se procurasse atingi-la, com atenção para seus aspectos interseccionais. Como afirma Hirata (2014), o conceito de interseccionalidade pode ser rastreado até meados dos anos 1970, com origens no movimento conhecido como feminismo negro. Cunhado por Kimberlé Crenshaw (1989), o conceito de interseccionalidade foi construído a partir de reflexões críticas em diálogo com o campo dos Direitos Humanos, nos Estados Unidos, voltadas para uma perspectiva de gênero articulada com aspectos raciais e econômicos. Crenshaw defende a necessidade de articulação da perspectiva de gênero às outras perspectivas que desvelam as demais formas de discriminação e subordinação que atingem as mulheres – e para isso, apresenta a interseccionalidade entre os aspectos de gênero na discriminação racial, e vice-versa.

Primeiramente, é essencial apontar para os diversos caminhos que atravessavam a escolha das candidatas pela escola. A perspectiva de uma nova carreira para as mulheres, amplamente divulgada pelos jornais em quase todos os estados brasileiros, despertava o interesse de diversas camadas da população, que detinham os mais variados interesses para o

ingresso no novo campo de atuação. É possível encontrar documentos que demonstram o interesse financeiro voltado a uma possível independência econômica, o interesse religioso, e, de forma interessante, é possível encontrar uma situação peculiar em que uma candidata refere o interesse na escola devido à necessidade de separar-se fisicamente de seu marido, contaminado por tuberculose (PULLEN, 1929b). Aquela situação particular abre espaço para refletir sobre os principais critérios de admissão na EEAN, uma vez que esta candidata não poderia ser aceita já que se encontrava, legalmente, ainda casada com seu marido. Esses critérios ajudam a iluminar como diversos mecanismos de exclusão, pautados por um intenso regime disciplinar, foi capaz de produzir diversas realidades e discursos, que acabou por refletir nas dificuldades em atrair o tipo de candidatas que a escola tanto desejava.

Entre os anos de 1928 e 1931, os critérios de admissão sofreram algumas modificações, verificáveis na própria escrita dos documentos, sendo possível observar rasuras que incluem e excluem determinados critérios. Por exemplo, o critério de ser católica foi rasurado; por vezes, o critério de ser solteira, viúva ou separada também foi omitido ou rasurado nas publicações. Eram diversos os critérios envolvidos, porém pouco divulgados. Nas chamadas para matrículas, apenas os critérios superficiais considerados fundamentais eram expostos: “Para ser admitida na Escola de Enfermeiras, é necessário ser brasileira, ter de 20 a 35 anos, possuir diploma de uma Escola normal ou certificados de exames preparatórios” (A PROFISSÃO..., 1929, p. 2).

Entre as condições exigidas para a admissão na Escola de Enfermeiras D. Anna Nery, profusamente divulgadas pela imprensa a par com as vantagens garantidas às diplomadas pelas publicações oficiais, são, quasi sempre omitidas as de maior alcance e imprescindíveis. Realmente, muita força de vontade e abnegação são atributos indispensáveis às jovens que, inspiradas por um ideal nobre, sob todos os títulos, se dispõem a abraçar a profissão de enfermeira, buscando ensinamentos naquela escola. Apenas iniciado o curso, as alumnas vêem quanto inquisitório é o regime de disciplina que ali vigora (A NOITE, 1929b, s. p.).

Aponta-se, aqui, para aquilo que os jornais já haviam sinalizado: os critérios de admissão não se restringiam aqueles anunciados. Nos arquivos analisados, é possível encontrar inúmeros outros critérios não ditos. Inicialmente, tratava-se de atrair

exclusivamente mulheres para a profissão, que fossem viúvas, solteiras ou separadas, entre 20 e 35 anos. À primeira vista aparentam critérios descritivos apenas. Mas, como será visto adiante, eram critérios que dialogavam diretamente com a perspectiva colonizadora da missão em andamento.

A religiosidade cristã era um dos critérios subentendidos. Tal religiosidade viria acompanhada necessariamente de uma “boa” educação cultural e familiar, a ser comprovada com atestado de formação em escola normal e com atestado de idoneidade moral a ser redigido por alguma figura “de confiança”, preferencialmente masculina. Não poderia haver qualquer deficiência física (ou “defeito físico”, como redigido originalmente no documento) ou qualquer tipo de adoecimento físico ou mental. As motivações para ingresso na escola também serviam como critério admissional: a busca, unicamente, por recompensas financeiras da nova profissão invalidaria sua candidatura. Ainda nesse sentido, eram avaliados o temperamento e a personalidade das candidatas – que continuariam a ser rigorosamente avaliados formalmente durante a formação.

É preciso atenção para o critério de idade para ingresso na escola: mulher em idade fértil, solteira, viúva ou separada, que, apesar de não tão claro, deixa margens coerentes para o entendimento de que se tratava de uma preocupação maior com a aparência juvenil do corpo estudantil do que necessariamente com a idade. De fato, a preocupação com a aparência muito condizia com os principais interesses em jogo, visto que, quando em contato por correspondência com futuras candidatas à escola, a diretora sempre solicitava o envio de fotografias. Um outro critério não inteiramente explícito, e que sustenta a perspectiva interseccional, era a necessária cor branca da candidata, uma vez que a escola deliberadamente procurou impedir a entrada de alunas negras, como apontado por Campos (2012). Houve um esforço ativo de afastar candidatas negras das daquela formação, assim como o impedimento de acesso.

Às alunas brancas, quando aceitas, após inspeção e exame médico preliminar, tinha início todo o processo de domesticação e a docilização dos corpos das futuras enfermeiras. Destacavam-se, entre os mecanismos, a inserção de hábitos higiênicos pautados nas “teorias

modernas de higiene mental”, onde a cultura física era criteriosamente observada, com disciplinas voltadas para a correção de posturas, da respiração, e do controle do peso.

Seu meio [a escola] – onde todos se sentem bem porque pertencem todas a mesma classe social, meio escolhido para o qual não é permitido o ingresso sem uma serie de attestados que comprovem a idoneidade moral da candidata e um exame de admissão rigoroso com a exigência de Diploma de Escola Normal, que venha demonstrar a sua capacidade intellectual que lhe permita seguir um curso que requer uma base solida [...]. Nossa Escola veio preencher entre nós uma necessidade premente, a enfermeira profissional, creando a profissão de enfermeira, arredondo-a do lugar subalterno em que se achava, para torna-la uma profissão liberal, nobre, digna, acessível as moças da melhor classe, da mais fina educação (UMA ENFERMEIRA..., 1930, s. p.).

O trecho acima foi extraído de uma chamada pública para novas candidatas, desta vez redigida por uma das alunas formadas pelo curso daquela escola, com o provável objetivo de ganhar a confiança pública de futuras candidatas que, naquela altura, já liam sobre as duras críticas que a escola e sua formação sofriam. Sintomaticamente, este documento é assinado como “Uma enfermeira da Escola de Enfermeiras D. Anna Nery” – sem nome próprio. Já é possível perceber, ali, que a acessibilidade ao curso não era universal às mulheres, e que a perspectiva colonial continuava a imperar nos discursos – agora, proferidos também pelas alunas.

Esses recortes focados nos critérios admissionais tiveram o objetivo mais descritivo do que propriamente analítico. Foi preciso conhecer determinadas características para possibilitar a aproximação do que era considerado o tipo ideal de candidata, e quem, de fato, poderia se tornar enfermeira. Os discursos encontrados nos arquivos onde eram afirmados que qualquer mulher, naquele período, poderia se tornar enfermeira, eram ilusórios.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procurou-se iluminar as estratégias de atrair alunas “do tipo certo” para a escola, assim como os mecanismos de produção e de exclusão operantes naqueles processos, imbricados por aspectos de gênero, raça e classe. Procurou-se, também, descrever algumas técnicas

disciplinares adotadas pela escola para a manutenção dos interesses vigentes, que levavam ao apagamento das alunas – mas não sem resistência por parte delas. Além disso, procurou-se evidenciar quais eram os valores inculcados na construção da figura da “enfermeira perfeita”, e como estes serviram de sustento para os discursos e verdades lá produzidas. Considera-se, desde a perspectiva analítica e metodológica adotada, que os discursos de maternagem, cristandade e patriotismo serviram como dispositivos disciplinares na construção da imagem de uma enfermeira padronizada, socialmente aceita e, subjetivamente, apagada.

Os documentos analisados representam verdades construídas a partir de um determinado ponto de vista, não neutro, não imparcial e não sem interesses que as moldavam. Foi preciso explorá-los para que as questões historicamente invisibilizadas viessem à tona. Narrativas viciosas vêm ocupando boa parte da produção científica no campo histórico da enfermagem, com reproduções de exaltações de figuras míticas, que precisam urgentemente serem problematizadas e contextualizadas naquele período em que foram construídas.

Além de se tratar de um recorte de uma etnografia mais ampla, o presente artigo apresenta limitações quanto ao escopo temporal pesquisado, e à articulação com outras questões sociopolíticas encontradas em campo: questões como o racismo institucionalizado, o apoio da enfermagem ao discurso eugênico e a colonização do cuidado em saúde no Brasil, desde os primórdios da enfermagem moderna. São pontos importantes para a conscientização política da categoria profissional, bem como para o campo das ciências humanas em saúde, ao tomar a profissionalização da enfermagem no país como objeto de pesquisa a partir de questionamentos de narrativas hegemônicas.

REFERÊNCIAS

A ENFERMEIRA E O FUTURO DA NOSSA GERAÇÃO. 1930. 6ª publicação. Em Missão Parsons, Rio de Janeiro, **CEDOC/ EEAN/UFRJ**, 1 f.

A ESCOLA DE ENFERMEIRAS D. ANNA NERY, DA SAUDE PUBLICA VAE RECEBER NOVAS ALUMNAS. 1929. Em Missão Parsons, Rio de Janeiro, **CEDOC/ EEAN/UFRJ**, doc. 210, caixa 21, 1 f.

A NOITE. 1929a. Aniquilando a nobre e bella profissão de enfermeira. O Sr. Clementino Fraga faltou, mais uma vez, publicamente, aos honestos deveres da verdade. Em Missão Parsons, Rio de Janeiro, **CEDOC/ EEAN/UFRJ**, 1 f.

A NOITE. 1929b. Por que as moças brasileiras estão abandonando a saúde pública? Em Missão Parsons, Rio de Janeiro, **CEDOC/ EEAN/UFRJ**, 1 f.

A PROFISSÃO DE ENFERMEIRAS DO DERPATAMENTO NACIONAL DE SAUDE PUBLICA ACABA DE SER DISTINGUIDA COM UM CONVITE DOS MEMBROS DO CONSELHO INTERNACIONAL DE ENFERMEIRAS PARA TOMAR PARTE NO CONGRESSO QUE SE REALIZARÁ EM MONTREAL CANADÁ, EM JULHO DE 1929. 1929. Em Missão Parsons, Rio de Janeiro, **CEDOC/ EEAN/UFRJ**, 2 f.

A SITUAÇÃO DAS ENFERMEIRAS BRASILEIRAS. 1930. Em Missão Parsons, Rio de Janeiro, **CEDOC/ EEAN/UFRJ**, 1 f.

BACKES, Dirce Stein et al. Contribuições de Florence Nightingale como empreendedora social: da enfermagem moderna à contemporânea. **Rev. Bras. Enferm.**, Brasília, v. 73, supl. 5, 2020.

144

BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado**: o mito do amor materno. Tradução: Walternsir Dutra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985, 268 p.

CAMPOS, Paulo Fernando. História social da enfermagem brasileira: afrodescendentes e formação profissional pós-1930. **Revista de Enfermagem Referência**, v. III Série, n. n° 6, p. 167–177, 2012.

CHRISTO E A ENFERMEIRA. 1930. 6ª edição. Em Missão Parsons, Rio de Janeiro, **CEDOC/ EEAN/UFRJ**, 1 f.

COLLING, Ana Maria. As chinas gaúchas: a invisibilidade do feminino na guerra do Paraguai. In: ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA, 12., 2014, Natal. **Anais eletrônicos**. São Leopoldo, Rio Grande do Sul: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2014.

CRENSHAW, Kimberle. Demarginalizing the intersection of race and sex: A black feminist critique of antidiscrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics. **The University of Chicago Legal Forum**, 1989, pp. 139-67.

CUNHA, Olivia Maria Gomes da. Tempo imperfeito: uma etnografia do arquivo. **Mana**, v.

10, n. 2, p. 287–322, 2004.

DES CHENES, Mary. Locating the past. In: Gupta, Akhil; Ferguson, James. (ed.), **Anthropological locations: boundaries and grounds of a Field Science**. Berkeley: University of California Press, 1997. pp. 66-85.

DIÁRIO DA NOITE. O ensino oficial de enfermagem: como se preparam enfermeiras na cidade do Rio de Janeiro e como se nobilita uma profissão. 1930. Em Missão Parsons, Rio de Janeiro, **CEDOC/ EEAN/UFRJ**, 1 f.

DOURADO, Maria Teresa Garritano. **Mulheres comuns, senhoras respeitáveis: A presença feminina na Guerra do Paraguai**. Campo Grande: Ed. UFMS, 2005.

FARIA, Lina Rodrigues. Os primeiros anos da reforma sanitária no Brasil e a atuação da Fundação Rockefeller (1915-1920). **Physis**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 109-130, 1995.

FERREIRA, Letícia.; LOWENKRON, Laura. (org). **Etnografia de documentos: pesquisas antropológicas entre papéis, carimbos e burocracias**. 1ª ed. Rio de Janeiro: E-papers, 2020. 218 p.

FONTENELLE, João. 1929. Enfermeiras de Saúde Pública. Discurso pronunciado em 20 de dezembro de 1929 na Escola de Enfermeiras D. Anna Nery, na solenidade de entrega dos diplomas. Em Missão Parsons, Rio de Janeiro, **CEDOC/ EEAN/UFRJ**, 6 f.

145

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. História da Violência nas Prisões. Tradução: Raquel Ramallete. 18ª. ed. Rio de Janeiro, Petrópolis: Vozes, 1987.

GASTALDO, Denise Maria.; MEYER, Dagmar Estermann. A formação da enfermeira: ênfase na conduta em detrimento do conhecimento. **R. Bras. de Enferm.**, v. 42, n. 1-2-3-4, p. 7-13, 1989.

GLOBO. 1930. Por que na Escola de Enfermeiras não foi adoptado o critério da promoção por médias? Uma carta de protesto de alumnas daquele estabelecimento de ensino. Em Missão Parsons, Rio de Janeiro, **CEDOC/ EEAN/UFRJ**, 1 f.

HESSEN, Johannes. **Filosofia dos Valores**. Tradução: L. Cabral Moncada. Coimbra: Almedina, 2001, 253 p.

HIRATA, Helena. Gênero, classe e raça: Interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais. **Tempo Social**, v. 26, n. 1, p. 61–73, 2014.

KIENINGER. 1931. A PROFISSÃO... Em Missão Parsons, Rio de Janeiro, **CEDOC/ EEAN/UFRJ**, 1 f.

LEITE. 1930. “Desenvolvimento do thema imposto à classe de 1932...”. Em *As Pioneiras*, Rio de Janeiro, **CEDOC/ EEAN/UFRJ**, 4 f.

LOBO, Rachel Haddock. 1930. A base da arte da Enfermeira é o instinto materno bem desenvolvido: o progresso da mulher brasileira na enfermagem adeantada. *CORREIO DA MANHÃ*. Em *Missão Parsons*, Rio de Janeiro, **CEDOC/ EEAN/UFRJ**, 1 f.

LOBO, Rachel Haddock. 1931a. Exma. Sra. Superintendente Geral do Serviço de Enfermeiras do D.N.S.P. “Peço vênha para relatar-vos a situação angustiosa...”. Em *Missão Parsons*, Rio de Janeiro, **CEDOC/ EEAN/UFRJ**, 1 f.

LOBO, Rachel Haddock. 1931b. D. Anna Nery. Em *As Pioneiras*, Rio de Janeiro, **CEDOC/ EEAN/UFRJ**, 2 f.

LOPES, Maria Julia Marques. O trabalho da enfermeira: nem público, nem privado feminino, doméstico e desvalorizado. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 41, n. 3–4, p. 211–217, 1988.

LUCAS, Bueno Lucken; PASSOS, Marinez Meneghello. Filosofia dos valores: uma compreensão histórico-epistemológica da ciência axiológica. **Conjectura: Filos. Educ.**, v. 20, n. 2, p. 123–160, 2015.

MARANHÃO. 1930. A NOITE: Aniquilando a nobre e bella profissão de enfermeira. Uma carta da enfermeira-chefe da Escola Anna Nery. Em *Missão Parsons*, Rio de Janeiro, **CEDOC/ EEAN/UFRJ**, doc. 174, caixa 27, 1 f.

MATOS, Eliane; PIRES, Denise. Teorias administrativas e organização do trabalho: de Taylor aos dias atuais, influências no setor saúde e na enfermagem. **Texto contexto - enferm.**, Florianópolis, v. 15, n. 3, p. 508-514, 2006.

MEMORANDUM, 1931. Assumpto: Estado actual da Escola de Enfermeiras D. Anna Nery e vantagens do seu desenvolvimento futuro como escola Universitária. Em *Missão Parsons*, Rio de Janeiro, **CEDOC/ EEAN/UFRJ**, doc. 290, 4 f.

MOREIRA, Martha Cristina Nunes. A Fundação Rockefeller e a construção da identidade profissional de enfermagem no Brasil na Primeira República. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, v. 5, n. 3, p. 621–645, 1999b.

O VASTO, VASTO CAMPO. 1929. Em *Missão Parsons*, Rio de Janeiro, **CEDOC/ EEAN/UFRJ**, 5 f.

ORGANIZAÇÃO DE PROGRAMA SEMANAL. 1931. Em Missão Parsons, Rio de Janeiro, **CEDOC/ EEAN/UFRJ**, 1 f.

PARSONS, Ethel. 1931. “Snr. Dr. Diretor Geral. Em resposta ao vosso pedido de informações em relação a exoneração de Leandro Ismael Mendes...”. Em Missão Parsons, Rio de Janeiro, **CEDOC/ EEAN/UFRJ**, 1 f.

PEDRO, Ana Paula. Ética, moral, axiologia e valores: Confusões e ambiguidades em torno de um conceito comum. **Kriterion (Brazil)**, v. 55, n. 130, p. 483–498, 2014.

PERES, Maria Angélica de Almeida et al. Reconhecimento à Anna Justina Ferreira Nery: mulher e personalidade da história da enfermagem. **Esc. Anna Nery**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 2, 2021.

PREPARANDO AS ENFERMEIRAS BRASILEIRAS. Para nossos hospitais já não se tornam indispensáveis as enfermeiras estrangeiras. 1930. Em Missão Parsons, Rio de Janeiro, **CEDOC/ EEAN/UFRJ**, 1 f.

PRESTES. 1930. Duas patricias que brilharam longe do Brasil. Em Missão Parsons, Rio de Janeiro, **CEDOC/ EEAN/UFRJ**, 1 f.

PULLEN, Bertha. 1929b. “My dear Miss Parsons –”. Em Missão Parsons, Rio de Janeiro, **CEDOC/ EEAN/UFRJ**, 2 f.

PULLEN, Bertha. 1930a. “O officio de V.Ex. de 12 do corrente...”. Em Missão Parsons, Rio de Janeiro, **CEDOC/ EEAN/UFRJ**, 1 f.

PULLEN, Bertha. 1930b. “Prezada D. Marietta –”. Em Missão Parsons, Rio de Janeiro, **CEDOC/ EEAN/UFRJ**, 1 f.

PULLEN, B. L. 1931. Aviso: “Sinto-me bastante envergonhada...”. Em Missão Parsons, Rio de Janeiro, **CEDOC/ EEAN/UFRJ**, 1 f.

RÁDIO EDUCADORA, 4ª CONFERÊNCIA. 1930a. A Enfermagem como um desenvolvimento de nossa própria vida. Em Missão Parsons, Rio de Janeiro, **CEDOC/EEAN/UFRJ**, 4 f.

RILES, Annelise. Introduction: In Response. In: RILES, Annelise. (org.). **Documents: artifacts of modern knowledge**. Ann Arbor, MI: Universisty of Michigan Press, 2006.

UMA ENFERMEIRA DA ESCOLA DE ENFERMEIRAS D. ANNA NERY. 1930. “Queridas Patrícias: - um afectuoso bom dia... Em Missão Parsons, Rio de Janeiro, **CEDOC/ EEAN/UFRJ**, 2 f.

ZEITLYN, David. Anthropology in and of the Archives: Possible Futures and Contingent Pasts. Archives as Anthropological Surrogates. **Annual Review of Anthropology**, Michigan, v. 41, p. 461-80, 2012.

Submetido: 11/11/2022

Aprovado: 02/04/2023